

INSERÇÃO DE ESTUDANTE COM SURDEZ NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO- IFRO CAMPUS VILHENA/RO, PARTE DA AMAZÔNIA OCIDENTAL.

Laura de Paula Leite Weiss ¹

Claudia Aparecida Prates ²

Vera Lúcia Ribeiro de Azevedo ³

Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari ⁴

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa que teve como objetivo analisar as medidas adotadas para garantir a acessibilidade comunicacional para o processo de inserção de uma estudante com surdez, no curso de Arquitetura e Urbanismo do IFRO Campus Vilhena, no período de 2021 e 2023. Para promover a inclusão de estudantes com surdez no ensino superior, é necessário possibilitar a acessibilidade comunicacional de toda comunidade escolar, além de mudanças nas práticas pedagógicas no contexto inclusivo. Nesse sentido, serão apresentadas as adaptações feitas nos materiais pedagógicos, priorizando a abordagem visual, bem como a realização do curso básico de Libras a cada início de semestre e a formação de professores, com intuito de capacitar os docentes para o ensino apropriado aos estudantes com surdez. Além disso, houve o acolhimento dos estudantes da mesma turma, com a oferta de formação básica em Libras. Como também as ações da equipe multidisciplinar para que a estudante tivesse acessibilidade e o atendimento necessário para inclusão no curso. As informações e relatos descritos neste artigo baseiam-se na experiência vivenciada durante o processo educacional da estudante. Serão também apresentadas estratégias utilizadas pelo Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), com o objetivo de assegurar a permanência da estudante no curso. Por meio desta pesquisa, espera-se contribuir para o aprimoramento das práticas inclusivas no ensino superior, com vistas a efetivar medidas eficazes que possam ser adotadas para possibilitar a acessibilidade de estudantes com surdez.

Palavras-chave: Práticas Pedagógicas, Estudante com Surdez, Acessibilidade.

¹ Mestranda do profEPT do Instituto Federal de Rondônia(IFRO),Intérprete de Libras no Instituto Federal de Rondônia (IFRO)laura.leite@ifro.edu.br;

² Doutora em Educação pela Universidade Paulista, Pedagoga do Instituto Federal de Rondônia (IFRO)Claudia.prates@ifro.edu.br;

³ Mestre em Educação e Linguagem pela Associação Vilhenense de Educação e Cultura (AVEC), Especialista em Gestão Escolar, pela Universidade Federal de Rondônia(UNIR), docente Pedagoga do Instituto Federal de Rondônia(IFRO) Vera.azevedo@ifro.edu.br;

⁴ Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), Professora credenciada no Programa de Mestrado em Educação Profissional e Tecnológica do IFRO-Campus Calama, sandra@ifro.edu.br.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta aspectos de inserção de uma estudante surda, no curso de Arquitetura e Urbanismo do IFRO *Campus* Vilhena, no período de 2021 a 2023, levando em consideração o acesso comunicacional, adaptações curriculares, desafios e superação. Considerando que a inclusão de estudantes com surdez no ensino superior implica no acolhimento de acessibilidade comunicacional de toda comunidade escolar, além de mudanças nas práticas pedagógicas, em contexto inclusivo, a adaptação de materiais pedagógicos que priorizem o aspecto visual dos conteúdos.

Os surdos são visuais e não auditivos, falta a eles a audição e em consequência o som não é percebido por vias auditivas. Apreendem o cotidiano por meio da visão. Perlim e Miranda nos diz:

Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura. (Perlin e Miranda, 2003, p. 218).

Considerando que a pessoa surda tem a visão periférica maior a qual permite enxergar mais objetos nos extremos do campo visual, tendo uma melhor percepção do ambiente que os rodeia e, consegue compreender o que se passa ao seu redor “A identidade surda se constrói dentro de uma cultura visual. Essa diferença precisa ser entendida não como uma construção isolada, mas como construção multicultural” (Perlin, 2005, p. 56).

Segundo estudo feito pelo Instituto Locomotiva e a Semana da Acessibilidade Surda em 2019, cerca de 7% dos surdos brasileiros têm ensino superior completo, 15% frequentaram a escola até o ensino médio, 46% até o fundamental, enquanto 32% não têm um grau de instrução.

A maioria deles usa a língua brasileira de sinais (Libras), como a primeira, e a língua portuguesa, a língua oficial do país, que representa uma segunda língua para pessoas surdas. As duas línguas devem fazer parte da educação de surdos como um direito garantido pela Lei 10.436/2002, regulamentada pelo Decreto 5626/2005.

No entanto, a maioria das escolas não estão preparadas para trabalhar a Libras numa perspectiva bilíngue com a língua portuguesa, ou seja, respeitando as diferenças linguísticas

de cada uma. As dificuldades de compreensão e comunicação do estudante surdo em relação à aprendizagem, leitura, interpretação e escrita, durante a educação básica e superior, acompanham a maioria dos estudantes.

Na perspectiva da Educação Inclusiva a contribuição de toda a comunidade escolar se faz necessária para transformação social, que engloba os princípios da igualdade, solidariedade e convivência respeitosa entre as pessoas com deficiência. A escola pode ser um espaço privilegiado para essa construção.

A educação inclusiva implica a criação de alternativas metodológicas que contenham, em seus princípios e na sua operacionalização meios de se proporcionar experiências de escolarização que se adaptem às exigências curriculares, às características e às especificidades do processo educativo dos aprendizes diminuindo ou eliminando os obstáculos do meio escolar que produzem as inaptações escolares dos alunos em geral, deficientes e não deficientes. (Mantoan, 1998, p.8).

Diante do exposto fica evidente a importância de compartilhar o processo de inserção de pessoa com surdez no sistema escolar, as tentativas e erros desse percurso, a visão dos profissionais envolvidos, a estrutura escolar disponibilizada para tal, a adaptação de métodos e criação/utilização de recursos torna-se de suma importância para o ensino aprendido do estudante surdo.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi pesquisa-ação, com o registro de experiência, garantindo aos sujeitos a participação ativa em um processo de reflexão, análise, produção e reconhecimento da cultura e identidade surda. Apresentar as abordagens teóricas e metodológicas, bem como as adaptações curriculares que estão surtindo efeito no processo de ensino e aprendizagem da estudante surda, considerando a revisão bibliográfica focada na cultura surda .

Com o ingresso, no ano 2021, de uma estudante surda, no curso de Arquitetura e Urbanismo do IFRO, *Campus* Vilhena, no período de pandemia, iniciou-se o desafio da equipe gestora e pedagógica, antes do início do semestre. Com isso, foi realizada uma formação para docentes e discentes com Curso Básico de Libras – objetivando a Comunicação entre estudantes ouvintes e surdo.

Foi realizada, também, a formação docente com estratégias pedagógicas que viabilizaram o ensino e aprendizagem da estudante surda. Ações do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE), que permitam a acessibilidade da

discente surda, em parceria com a Coordenação do curso de Arquitetura e Urbanismo e os docentes; parceria com os pais da estudante surda; atuação dos tradutores/intérpretes de Libras; atividades práticas; materiais enviados com antecedência às intérpretes com *slides* bem visuais.

No início de cada semestre foi realizado o Curso Básico de Libras aos docentes, pois as disciplinas curriculares de cada semestre são diferentes e necessita de formação contínua, como: encontros mensais com estratégias pedagógicas que viabilizassem o ensino e aprendizagem de estudantes surdos, capazes de superar as dificuldades, seja na leitura, na escrita, na compreensão dos conteúdos curriculares, ou no acesso linguístico. Com proposta de inserir elementos imagéticos nas estratégias pedagógicas. Discussão quanto aos critérios de avaliação, adequados às especificidades dos estudantes surdos, para que estes possam trilhar o caminho de sua formação com êxito.

Nos encontros com os docentes foram apontadas as seguintes experiências positivas: tradutor/Intérprete de Libras em sala de aula e nos atendimentos no horário oposto; curso Básico de Libras, os colegas de sala estão se comunicando em Libras com a estudante surda; horário de atendimento individual; projeto Curso Básico de Libras, sendo protagonista a estudante surda; promoção a cooperação mútua entre discentes-docentes e discente-discente, por meio da mediação aos estudantes com NEE, em suas atividades de ensino, visando ao êxito do processo ensino aprendizagem; concessão do Auxílio Tecnologia Assistiva Educacional; programa de Auxílio Permanência (PROAP); disponibilização aos docentes de 2 horas semanais, da carga horária, para preparação de material didático e no atendimento individual, para auxiliar a discente surda, de acordo com a Resolução N° 62/Reitoria.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Constituição Federal de 1988, desde a sua construção, já sinalizava para a implementação, no nosso país, da educação inclusiva. A Carta Magna prescreve que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino” (CF o artigo 208, III).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDBN nº 9.394/96, normatiza a oferta da Educação Especial nas escolas de ensino regular.

Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação (LDBN nº 9.394/96).

Identificar as características da comunidade surda nos leva a conhecer a cultura de um determinado grupo, as suas relações culturais, visões de mundo, forma de comunicação e a participação na sociedade e isso é exercer a cidadania em sentido lato.

A cultura surda tem suas características próprias, por meio do reconhecimento da língua de sinais, das identidades surdas e na percepção da construção da subjetividade. Conhecer as diferentes identidades surdas e saber à qual pertencem foi primordial para pesquisa, já que “o modo de subjetividade e de identidades culturais dos povos surdos no decorrer da história tornou-se, portanto, também, uma história de conflito, de lutas contra as práticas ouvintistas, das alteridades e das representações”.

O desafio do povo surdo é construir uma nova história e cultura, com o reconhecimento e o respeito das diferenças, valorização da língua, a emancipação dos sujeitos surdos de todas as formas de opressão ouvintistas e seu livre desenvolvimento espontâneo de identidade cultural (Strobel, 2013, p. 117).

A oficialização da Língua Brasileira de Sinais no Brasil – Libras, pela Lei 10.436 de 24 de abril de 2002 e o Decreto Federal nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005, são exemplos de conquistas e resultados dos inúmeros movimentos e lutas das pessoas surdas brasileiras.

Fundamentada na teoria sociocultural, de Vygotsky, a aprendizagem ocorre quando as funções mentais biológicas evoluem para funções mais complexas. Primeiramente as funções são realizadas com intervenção e colaboração com outro, por meio da intervenção interpessoal, posteriormente realizada pelo próprio sujeito.

Considerando a função e o papel da escola, segundo Vygotsky:

[...] o aprendizado adequadamente organizado resulta em desenvolvimento mental e põe em movimento vários processos que, de outra forma, seriam impossíveis de acontecer. Assim, o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas (Vygotsky, 2003, p. 118).

Educação tem de ser sinônimo de inclusão. Educar é um ato humano, logo deve ser pensado a partir da noção, segundo a qual todos e todas, independentemente de suas peculiaridades ou diferenças, precisam dele participar com igualdade de condições. Uma das formas de viabilizar não apenas o desenvolvimento dos atos de ler e escrever para o sujeito surdo, como também expandir as possibilidades desse público nas interações e construções sociais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a realização das atividades dessa pesquisa, muitos resultados positivos foram alcançados. A estudante surda está desenvolvendo sua autonomia, por meio dos avanços no processo de aprendizagem, e atualmente está cursando o 5º Período do curso de Arquitetura e Urbanismo. Essa ampliação é visível não apenas em seu progresso acadêmico, mas também na reconstrução da autoconfiança e na consolidação dos processos inclusivos, valendo-se de novas metodologias e tecnologia assistiva sob a orientação e suporte de profissionais.

Para o Instituto Federal de Educação - IFRO, *Campus Vilhena*, isso representa uma melhoria significativa na qualidade dos processos educacionais, alinhada à perspectiva da educação inclusiva, proporcionando um ambiente mais acolhedor e enriquecedor para todos os estudantes. Além disso, a presença e acompanhamento da estudante surda no curso de Arquitetura e Urbanismo registram um marco importante para pesquisadores, possibilitando novas pesquisas na área de inclusão de estudantes surdos.

A jornada da estudante surda em direção à autonomia não se restringe apenas ao desenvolvimento pessoal, mas também desempenha um papel crucial na melhoria das práticas institucionais, no avanço das pesquisas acadêmicas e na promoção de uma sociedade mais inclusiva e diversificada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para oferecer uma educação efetiva a estudantes surdos, é essencial empregar métodos e técnicas específicas de comunicação visual, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras). Nesse sentido, utilizar a Língua de Sinais é fundamental para se comunicar com os surdos.

É imprescindível a utilização dos recursos visuais, como imagens, ilustrações e vídeos, sendo uma estratégia eficaz para transmitir informações de maneira visual, facilitando a compreensão dos conceitos abordados. Para garantir um ambiente inclusivo, é necessário que o espaço de aprendizado seja acessível para os surdos, garantindo uma iluminação adequada, pois aprimorar a visibilidade são fatores que contribuem para facilitar a comunicação visual.

Outro ponto importante para considerar na comunicação com o surdo é falar de maneira clara e pausada, pois permite que eles possam ler os lábios e observar as expressões faciais, o que ajuda na compreensão da mensagem transmitida. Considerando a visualidade do surdo, é elementar a utilização de recursos tecnológicos, como computadores, *tablets* e *smartphones*, para acessar aplicativos e plataformas de aprendizado que ofereçam conteúdo em Libras. Essas ferramentas são valiosas para a comunicação e aprendizado.

O ensino para surdos pode demandar um tempo maior para a comunicação e assimilação dos conteúdos, por isso é importante estimular a participação ativa dos surdos nas aulas, promover atividades que incentivem a interação entre eles e os demais estudantes contribuindo na prática e no aprimoramento da comunicação em Libras.

Ao adotar essas práticas, é possível promover um ambiente de aprendizado mais inclusivo priorizando a acessibilidade comunicacional na perspectiva da educação bilíngue. Viabilizando a transformação social que engloba os princípios da igualdade, solidariedade e convivência, respeitando a diferença de cada cidadão.

REFERÊNCIAS

BRASIL, **Constituição Federal-1988.**

_____. LEI Nº 9394/96- **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.**

____. LEI Nº 10.436/2002 da **Língua Brasileira de Sinais**.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? -2.ed. – São Paulo: Moderna, 2006.

PERLIN, Gládis T. Identidades Surdas. In: SKLIAR, Carlos. A Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

____. **O lugar da cultura surda**. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Orgs.). A Invenção da Surdez: cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Ed.3ª Florianópolis: editora UFSC, 2013.

VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2003